

Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do “processo domesticatório” do gaúcho

Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima e Flávia Maria Silva Rieth



Edição electrónica

URL: <http://horizontes.revues.org/1626>
ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 31 Maio 2017
Paginação: 197-223
ISSN: 0104-7183

Refêrencia eletrónica

Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima e Flávia Maria Silva Rieth, « Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do “processo domesticatório” do gaúcho », *Horizontes Antropológicos* [Online], 48 | 2017, posto online no dia 01 Junho 2017, consultado o 05 Junho 2017. URL : <http://horizontes.revues.org/1626>

CENTAUROS DE MOTOCICLETA: O CAVALO COMO TESTEMUNHA DO “PROCESSO DOMESTICATÓRIO” DO GAÚCHO

*Marília Floôr Kosby**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

*Daniel Vaz Lima***

*Flávia Maria Silva Rieth****

Universidade Federal de Pelotas – Brasil

Resumo: *O presente artigo discute como gaúchos e cavalos compartilham uma trajetória de relações que configuram um processo domesticatório comum, no universo da pecuária no pampa brasileiro – considerando tal processo como parte dos movimentos das elites econômicas e políticas no sentido de burocratização e racionalização do trabalho e da produção nas estâncias de criação de gado bovino. A noção de “sujeição” dos cavalos domados, como fruto da negociação de forças que envolve o emprego das técnicas da chamada doma tradicional ou doma gaúcha, empreendimento em que se privilegia o uso da força bruta como forma de “ensinar” os equinos, acompanha a histórica burocratização da pessoa do trabalhador rural da lida campeira. Os dados etnográficos que embasam esta pesquisa foram elaborados a partir de trabalho de campo realizado entre os anos de 2010 e 2014, com o intuito de subsidiar as análises do Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS, bem como seus desdobramentos.*

Palavras-chave: *doma, domesticação, humano/cavalo, pecuária.*

Abstract: *The present article discusses how gaúchos and horses share a path of relations which set a common domesticating process, in the universe of cattle breeding in the Brazilian Pampa – considering such process as part of movements of the economical and political elites with the intention of bureaucratization and rationalization of*

* Doutoranda em Antropologia Social. Contato: floorkosby@gmail.com

** Doutorando em Antropologia. Contato: dvlima.vaz@gmail.com

*** Contato: riethuf@uol.com.br

the work and the production at cattle farming ranches. The idea of “submission” of the tamed horses, as a result of the negotiation of forces which involve the use of the techniques called as traditional taming or gaúcha taming, a venture in which the use of brutal force is privileged as a way to “teach” the horses, follows the historical bureaucratization of the rural worker in the campeira handling. The ethnographic data on which this research is based were elaborated from field work carried out between the years of 2010 and 2014, with the purpose of subsidizing the analysis of the National Register of Cultural Reference – Campeiras Handling in the Bagé Region/RS, as well as its developments.

Keywords: *cattle breeding, domestication, human/horse, taming.*

*Entrego a saudade deste meu pingaço
Que vai bem guardada na garrão de potro.*

Jairo Lambari Fernandes

Introdução

O cavalo é testemunha dos episódios mais espetaculares da história humana – invasões mongóis, conquista do Novo Mundo, guerras napoleônicas, colonização do oeste americano –, compartilhando com os cavaleiros do horror dos combates, mais do que da glória. Prolongamento da energia, da força e da inteligência de seu mestre, o cavalo também esteve presente no cotidiano das cidades, do campo, das fazendas, das usinas, nas mais diversas civilizações que se constituíram durante a história da espécie humana sobre a Terra.¹ E mais: além do valor laboral e bélico, emprestou ao homem seu porte, sua postura, fortificando-o, engrandecendo-o sobre um pedestal, o que é capaz de criar a distinção entre os que têm poder e os que a estes estão subjugados.

Assim Jean-Pierre Digard (2004) introduz *Une histoire du cheval: art, techniques, société*, livro em que o antropólogo busca construir um conhecimento histórico a respeito do cavalo e a inseparável presença humana em seu entorno, assentado na premissa da excepcionalidade desse animal frente aos

¹ Há registros de a interação *Homo sapiens sapiens* e equídeos ocorrer já há cerca de 30.000 anos, o que pode ser observado em representações artísticas desse período, encontradas em desenhos de cavalos na caverna Chauvent, em Ardèche, na França (Digard, 2004).

demais. Para Digard, tal excepcionalidade se constrói a partir das tentativas humanas de submeter e controlar o cavalo, dada a ambivalência entre sua incomparável resistência à domesticação (tardia e interminável²) e a afinidade ao homem uma vez alcançada sua submissão (jamais definitiva). Assim, segundo o autor, o ato de submeter um animal que em estado selvagem é um herbívoro pacífico e encarna ao mesmo tempo vitalidade, potência, rapidez, impetuosidade, impaciência, elegância e harmonia de formas forja o homem que o faz com a mesma magnificência e lisonjeio que este atribui ao cavalo, mais do que a qualquer outra criatura. Um ser superior, crê-se tal homem, nas palavras de Digard. Um ser superior ao qual nada, nem ninguém, saberá resistir. O valor utilitário é, portanto, ultrapassado pela reciprocidade na troca de atributos simbólicos.

O ímpeto de Digard em *Une histoire du cheval* é contar uma história do cavalo que não tem continuidade no tempo tampouco uniformidade no espaço, senão uma multiplicidade de formas de “estar com o cavalo”, de utilizá-lo, representá-lo, variáveis conforme a época, o ambiente, as sociedades: “Un régiment de cavalerie ne fonctionne pas comme un club equestre, ni une hacienda comme une tribu bédouine [...] l'équitation gaúcho n'est pas l'équitation cow-boy [...]” (Digard, 2004, p. 10). Montar, encilhar e ensinar um cavalo não são meramente técnicas, mas se atrelam a hábitos, formas de organização e visões de mundo, tornando a história do cavalo inseparável da dos homens e das peculiaridades do que Digard chama de as diferentes “culturas equestres”.

Alimentando-se dos argumentos de Digard, o presente estudo pretende traçar um esboço de como gaúchos e cavalos compartilham um processo domesticatório comum no universo do estabelecimento da pecuária no pampa brasileiro, sendo tal processo uma trajetória de negociações entre humanos e entre humanos e animais, provocadas pelos movimentos das elites econômicas e políticas no sentido de burocratização e racionalização do trabalho e da produção nas estâncias de criação de gado bovino. Nessa esteira, os dados etnográficos que embasam este artigo foram elaborados a partir de trabalho de campo realizado entre os anos de 2010 e 2014, com o intuito de subsidiar as investigações do *Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas*

² Segundo Digard (1999), o cavalo foi um dos últimos animais domésticos da atualidade a sofrerem processos de domesticação, há cerca de 5000 anos. Sobre a domesticação do cachorro se tem registros que remontam a 14.000 anos; a do boi, a da cabra, a do cordeiro e a do porco iniciaram-se há 10.000 anos.

*campeiras*³ na região de Bagé/RS (Rieth et al., 2013), bem como seus desdobramentos. É aporte também um levantamento bibliográfico acerca das normativas estatais para o estabelecimento das estâncias no Rio Grande do Sul e nos países platinos, configurando a empresa burocrática e o ideal racionalista da consolidação da propriedade particular da terra e de seus usos, bem como do recrutamento de trabalhadores/exércitos atuantes nas chamadas guerras de fronteira, além da valorização da constituição de famílias de trabalhadores: garantia transgeracional de mão de obra especializada no serviço campeiro, criação e laços de compadrio e paternalismo, alocados na expressão “de confiança”. Além disso, os aspectos relacionados ao que trazemos como racionalização do trabalho se referem às tentativas de empreendimento de técnicas de doma e de pastoreio “racionais”, que não necessariamente são aquelas passadas de pai para filho – um outro exemplo disso é a implementação de escolas agrícolas ou agropecuárias, com o intuito inicial de “socializar” indivíduos marginalizados a partir da sua qualificação como mão de obra para o trabalho rural.

A ideia de “processo domesticatório” defendida por Jean-Pierre Digard (1999) consiste em pensarmos que todas as culturas possuem relações de proximidade/afastamento com determinadas espécies de não humanos, o que torna a domesticação um fato social universal e particular. Assim, cabe salientar

³ Lida campeira é uma denominação êmica e corresponde ao conjunto dos ofícios e atividades relacionados à manutenção de uma estância e seus rebanhos. Um homem campeiro é aquele que conhece como tratar com os animais de criação, sua saúde, nascimento, reprodução e eventual abate; ele também zela por manter os animais dentro dos limites da propriedade de terra que constitui a estância. É comum que os campeiros detenham e pratiquem saberes sobre doma de equinos, esquila de ovinos, inseminação de vacas, feitura e conserto de aramados. Neste estudo, a categoria “campeiro” diz respeito a esses homens que têm como principal atividade o cuidado de bovinos e equinos, em estâncias de pastoreio extensivo (ou seja, de não confinamento). É possível que, por questões pessoais, alguns campeiros não se reconheçam como “gaúchos”, mas, certamente, todo aquele que possui legitimidade para se colocar como tal deve conhecer muito bem a lida campeira. O INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé (1ª Fase) atende a uma demanda da Prefeitura Municipal de Bagé (RS), financiada e acompanhando a metodologia do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais/IPHAN, acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A execução do trabalho teve como equipe os seguintes pesquisadores: Profª. Flávia Rieth (coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima; os consultores: Profª. Claudia Turra Magni (consultora em imagem), Profª. Erika Collisson (consultora em geografia), Prof. Fernando Camargo (consultor em história); e os colaboradores: Vanessa Duarte, Camile Vergara, Cristiano Lemes da Silva, Fabíola Mattos Pereira, Thais Pedrotti, Tiago Lemões, Profª. Karen Mello (FURG).

que não há um marco histórico depois do qual determinada espécie tornou-se domesticada em uma certa cultura, mas existem elementos estruturais que mediam as atuais e constantes ações no sentido de manter relações de domesticação com alguns animais ao longo das gerações.

Na linha de pensamento de Tim Ingold, domesticação será entendida como socialização, inserção de determinadas espécies no convívio social com determinadas sociedades da espécie humana. Assume-se, assim, que as fronteiras entre humanos e animais, cultura e natureza, são instabilizadas pelas negociações entre humanos e não humanos na sociabilidade que envolve as práticas domesticatórias (Latour, 2002, 2004). Homens e animais submissos, sob confiança, o estão pelas diretrizes das mesmas forças dominadoras, pela mesma estrutura hierarquizante, conforme Tim Ingold (2000). Este autor vê a domesticação como um processo de passagem da confiança para dominação que acontece de homens sobre animais, bem como de homens sobre homens – coadunando os fenômenos de servidão de bichos e de humanos, como em continuidade nas sociedades onde acontecem. O aporte etnográfico que corrobora essa escolha teórica é também fundamentado pelos relatos de ex-trabalhadores rurais e sindicalistas sobre as condições precárias do trabalho na pecuária e a exploração dos peões, muitas vezes denunciando situações que poderiam ser classificadas como de servidão.

A tangência entre a noção de “sujeição” dos cavalos domados e a de crescente burocratização da pessoa do peão campeiro – atentando para as forças e estratégias empregadas na realização de tais ensejos – pode ser vista a partir das técnicas empregadas na chamada “doma tradicional” ou “doma gaúcha”, empreendimento em que se privilegia o uso da força bruta como forma de ensinar os equinos a não desempenharem comportamentos que fogem ao ideal imposto pelo tipo de montaria desejada.

Em suma, não se trata de estabelecer uma continuidade temporal entre a domesticação de animais e a sujeição de homens à empresa capitalista do agronegócio, mas de tentar traçar uma estrutura de relações que se transforma a partir de algumas categorias etnográficas, como: “racional”, “tradicional”, “xucro”, “sujeito”, “violência”. A ideia é compreender como homens campeiros se tornaram trabalhadores “de confiança” para os estancieiros, a partir das técnicas que esses campeiros privilegiam quando querem montar ou domar seus cavalos “com confiança”. Analisa-se, para tanto, também a situação extrema contrária dessa relação de afinidade, qual seja, os casos em que

o primor pelo uso racionalizado⁴ da propriedade (de terras, animais e homens), extingue o uso do cavalo – podendo muitas vezes, inclusive, substituí-lo por motocicletas. É importante salientar, já de início, que não se trata de afirmar que a domesticação de determinada espécie se consolida mais conforme se fortalecem as relações capitalistas. Trata-se, porém, de descrever as articulações entre as transformações nos modos produtivos e a relação entre humanos e animais. A estratégia metodológica inspirada pelos interlocutores (peões, domadores, campeiros, estancieiros) é comparativa, por exemplo: olhar para o pastoreio “racional” para conseguir perceber o que é o pastoreio “tradicional”, considerado seu oposto radical e aquele onde atua o par gaúcho/cavalo.

“Aprendendo a ser gente”: entre as dubiedades na normatização da vida nas estâncias, a domesticação dos homens, o asselvajamento do gado

Conforme apontam os trabalhos de Ondina Fachel Leal (1989, 1992a, 1992b, 1997), a constante afirmação da virilidade, da honra e da valentia, por meio da dominação da natureza (associada aos animais e às mulheres), profundamente experienciada na lida campeira, é atributo fundamental à construção da identidade masculina do gaúcho. Assim, ao mesmo passo em que o convívio contínuo com os animais aponta para sua domesticação e amansamento, há a necessidade de que os homens, para se tornarem homens, dominem os animais; quanto mais *xucro*⁵ for o animal, mais potência é atribuída àquele que o dominar. Há, portanto, num contexto de domesticação,⁶ a tentativa de manter relações de caça, a partir da afirmação e mesmo construção de atributos selvagens na relação com os animais. Ao utilizarem o laço e o relho e investirem contra os bovinos de forma violenta, os homens assumem frente àqueles a condição de

⁴ No sentido cartesiano, de conseguir planejar e prever etapas de atuação, e controlar os resultados.

⁵ O animal *xucro* é aquele que não foi domado. No entanto, se um animal foi domado e mantém características bravias ou pouco dóceis, ele também pode ser chamado de *xucro*.

⁶ Em *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*, Tim Ingold (2000) faz uma crítica à modernidade ao definir domesticação como uma noção somente possível a partir de sociedades industriais. Para o autor, o pensamento moderno, que estabelece uma separação hierárquica da humanidade e da natureza – estando aquela um degrau acima da selvageria, por ter passado por processo civilizatório – cria as condições necessárias para que se pensem os animais como seres sem intencionalidade. Assim, a domesticação seria um processo de passagem de relações de confiança para relações de dominação dos homens sobre os animais. A instalação e o desenvolvimento da pecuária na região pampiana é um exemplo de empreendimento capitalista moderno, como se verá mais adiante.

uma espécie de predador,⁷ fazendo com que a proximidade dos humanos desencadeie nos animais reações de ataque e/ou fuga – tais reações definem as graduações de comportamento entre *xucros* (mais bravios) e *mansos* (mais dóceis); este últimos se deixam dominar, sem reagir como presas⁸ frente a predadores.

A relação com o cavalo tem especificidades: é de potencialização dos atributos do campeiro, embora tal fim seja atingido prioritariamente pelo uso da submissão física do animal pelo homem. Um cavalo bom para a lida campeira é aquele que ajuda o homem a controlar os rebanhos, que sabe embretar uma vaca, que reúne a tropa com agilidade e rapidez inibindo os bois que tentam desgarrar. Percebe-se a continuidade entre cavalo e cavaleiro nas palavras de um interlocutor, ao ver a inabilidade de um peão para colocar uma vaca na mangueira: “Não adianta o cavalo ser bom se a cabeça do cara não funciona direito. É a mesma coisa que o cara estar mal montado [com cavalo ruim para o trabalho, lento].” Enquanto o interlocutor dizia isso, o peão batia o relho insistentemente na cabeça do cavalo, que não se tornava mais rápido por causa disso. Aqui, vale parafrasear Digard (1999), quando este se pergunta, em *Les français et leurs animaux: ethnologie d’un phénomène de société*: “Tal cachorro, tal dono?”

Os gaúchos primam por um manejo *tradicional*,⁹ em que seja necessário o uso do cavalo, do laço, das esporas, em detrimento dos chamados manejos *racionais*, em que o gado fica manso a ponto de seguir o peão – como um cão segue o dono (o que se verá detalhadamente mais adiante).

No entanto, as pesquisas do *Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas campeiras na região de Bagé/RS* (Rieth et al., 2013), afirmam a consolidação daquilo que Fachel Leal sinalizava já nas duas últimas décadas do século XX, qual seja, um avanço tamanho de técnicas científicas para

⁷ Utilizamos o termo “predador” por observação do comportamento mais dos animais do que dos humanos. Ao serem açoitados ou tratados com violência, os bovinos reagem da mesma forma como quando são atacados por cães, fugindo, ou quando possível atacando.

⁸ Em *Hunters, pastoralists and ranchers: reindeer economies and their transformations*, Ingold (1980) afirma que a domesticação não é definida pelas características particulares dos animais, mas se manifesta numa multiplicidade de relações (caça, pastoreio, *rancher*) variando conforme o tipo de vínculos produtivos que são estabelecidos com os humanos. Assim, podem existir animais domados entre caçadores e seleção reprodutiva em economias voltadas para a subsistência.

⁹ O sentido êmico do uso do termo “tradicional” para se referir ao manejo com os rebanhos alude àquilo que é feito com base na força física, envolvendo o perigo, a brutalidade. Sociologicamente tratando, na exploração da mão de obra, nos laços de compadrio e na dedicação diária total aos trabalhos de manutenção do rebanho e da propriedade rural.

a racionalização do trabalho com o gado e a ausência de condições dignas de vida no campo, aliadas à burocratização das relações de trabalho, que inviabilizaram a manutenção das relações tradicionais na pecuária da região em questão. O universo do pastoreio tradicional situa os gaúchos em uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que a lida “bruta e insalubre” os compõe como homens – e eles sentem falta de “pegar um cavalo e juntar umas vacas” –, os direitos advindos de uma legislação trabalhista e o conforto da cidade afastam-lhes da vida campeira. Vista a crescente escassez de mão de obra para a lida com bovinos e demais ofícios ligados à manutenção das estâncias e propriedades rurais onde se realiza a pecuária, somada ao esvaziamento da população rural de tais localidades e a inserção de técnicas científicas de reprodução e criação dos animais, atentar-se-á para as transformações e manutenções nas relações que o manejo dos gaúchos com os bovinos possuem com a construção da masculinidade desses homens, que recorrem campos e rebanhos de motocicleta, inseminam vacas, não castram touros e residem na cidade.

A drástica transformação do universo campeiro, rapidamente citada acima, é o ápice de um processo iniciado já em meados do século XIX. Referências historiográficas (César, 1978; De Nigris, 2011; Garcia, 2010; Nahum, 1968; Palmisano, [s.d.]; Pesavento, 1980, 1986, 1988, 1990; Salvatore, 1992) apontam para o desenvolvimento da pecuária extensiva¹⁰ no pampa como sendo o próprio processo de concomitante e crescente domesticação de homens¹¹ e animais – em que homens que caçavam gado eram caçados por homens que criavam gado para servirem de mão de obra nas estâncias e de contingente militar nas constantes revoluções e guerras de fronteira (Chasteen, 2003).

A primeira grande mudança, que deslocou a relação de preação ou caça do gado selvagem para a de sua criação, foi o cercamento das estâncias, em meados do século XIX, inicialmente com vegetação e pedras, depois com fios de metal intercalados por piques de madeira e moirões de pedra, os chamados

¹⁰ Pode-se dizer que a criação de gado bovino unicamente para fins econômicos (de mercado e, em ínfima escala, de subsistência), tal como acontece na região estudada, é um tipo de pastoreio extensivo-predatório, a propósito do conceito que Tim Ingold (1976 apud Sautchuk; Stoeckli, 2012) emprega para o manejo das renas pelos skolts, do norte da Finlândia. O uso do cavalo pelo gaúcho complementa tal argumento e não é subsumido pelos casos em que a motocicleta é utilizada.

¹¹ Para Jean-Pierre Digard (1999), a domesticação é uma ação, não um estado. É produto de um exercício contínuo de interação com a espécie humana balizado por estruturas sociais. Para o autor, a domesticação é um exercício atual, ininterrupto e constante ao longo do devir histórico dos coletivos humanos (Lewgoy et al., [s.d.]).

aramados ou alambrados (Moreira, 1999).¹² O mesmo empreendimento que fez do cavalo instrumento indispensável para se arrebanhar o gado – e possibilidade de existência e sobrevivência para caçadores nômades –, ao se aprimorar, cria barreiras para sua utilização.¹³

A bibliografia historiográfica aponta para o século XVIII como marco de início da criação de gado com fins econômicos, na fronteira entre os territórios que hoje abarcam o sudoeste do Rio Grande do Sul e o norte do Uruguai, com o intuito de suprir as necessidades de couro da produção industrial britânica e de charque para o abastecimento dos centros escravistas americanos (Palermo, 2013). Os milhares de cabeças de bovinos e equinos presentes nessa região do pampa possibilitaram que ela se transformasse em uma imensa zona de produção ganadeira cuja importância se eleva quando decaem as exportações de ouro e prata para a península Ibérica. No entanto,

también generaría grandes conflictos por la propiedad de tierras y ganados, haciendo de esos territorios una suerte de gran frontera entre los imperios ibéricos. La ganadería, la escasa población y la casi ausencia de controles estatales, generaron el marco adecuado para el surgimiento de un tipo social, el *gaucho* y una forma de producción, la *estancia*... (Palermo, 2013, p. 28, grifo do autor).

¹² Dessa forma o dono da estância conseguia controlar seus peões e impedir o uso de sua propriedade por *gauchos* nômades, geralmente tropeiros sem a posse da terra, que habitavam na região. Esses gaúchos sem nacionalidade definida transitavam facilmente entre os atuais territórios brasileiro, uruguaio e argentino, e tinham como principal atividade retirar o couro do gado *vacum* e vendê-lo no mercado informal, na região de domínio português e para a metrópole hispânica. O modelo de transação econômica praticado por esses gaúchos era possível porque havia o gado nessa região; ao mesmo tempo, era considerado ilegal porque os animais soltos pelos campos eram de propriedade real – tanto da coroa portuguesa quanto da espanhola (Kosby; Leston Jr.; Rieth, 2010).

¹³ É fato recorrente nessa bibliografia a descrição de que o uso do cavalo por indígenas, como os charruas e minuanos, foi vivenciado de forma ambígua, estando no cruzamento entre a liberdade e a estagnação. A mobilidade que o cavalo dá ao índio está presa às atualizações da sistematização da produção do gado. O pastoreio a cavalo está associado à pecuária e ao aramado, que sedentarizaram grupos de índios, o que correspondeu à extinção quase total de sociedades inteiras. Ao mesmo tempo em que se tinha o meio para andar muito, esse meio veio acompanhado de seus próprios obstáculos. Digard (2004) inclui a domesticação de cavalos asselvajados (marrons) por indígenas americanos como um dos exemplos mais espetaculares de domesticação de equinos de que se conhece mais recentemente – a primeira reação dos indígenas ao verem esses animais, enormes e impetuosos, foi de pavor – como se a aparição de um cavaleiro fosse a mesma de um monstro. No entanto, dentre muitos grupos indígenas, o autor cita os araucanos chilenos e do pampa argentino, que, graças à montaria, desde primórdios do século XVII passaram a fazer guerra principalmente com cavalaria, mudaram de uma economia baseada na horticultura, coleta e caça de lhamas à uma atividade econômica que visava progressivamente a constituição de tropas (bovinas, equinas e ovinas).

Desde a formação dos grandes *rodeos*,¹⁴ antes do cercamento das estâncias, o desenvolvimento da pecuária no pampa meridional é, ao mesmo passo, o mote de surgimento da figura do gaúcho (contrabandista, guerreiro) e a instância de seu disciplinamento (trabalhador rural, escravo, militar), que vai rearranjando o conteúdo de valores visões de mundo elencados na constituição daquilo que é ser gaúcho. A necessidade de garantir as fronteiras das propriedades e dos rebanhos, bem como o ímpeto de converter “sensibilidades bárbaras em civilizadas”¹⁵ (Barrán, 1989, 1990), competiram para a domesticação dos homens que domesticavam os rebanhos de animais. O estabelecimento da propriedade privada dos rebanhos, que outrora foram bens comuns, obrigou também humanos a se vincularem a relações produtivas voltadas para o mercado e se subjugarem às ordens de um patrão/senhor. Dessa forma, a transformação da lida com os rebanhos bovinos em trabalho, atividade racionalmente executada com fins econômicos e com vistas à manutenção de uma empresa capitalista, sustentada em valores como a ordem e a burocracia, a *estância*, atinge seus objetivos quando imprime nos homens responsáveis pelos rebanhos o *ethos* necessário à sua sustentação.

Quanto ao trabalho campeiro como forma de socialização daqueles que de alguma forma instauram a desordem, é interessante conhecer a história da instituição educacional Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, situado em Pelotas (RS), abrangendo uma área equivalente a 200 hectares, dentro do perímetro urbano da cidade. Fundado no início da década de 1920, o Patronato Agrícola Visconde da Graça tinha como objetivo “qualificar mão de obra livre para o trabalho na agricultura e retirar dos centros urbanos os chamados desvalidos de sorte, os pobres órfãos e aqueles marginalizados que atrapalham

¹⁴ Segundo Guilhermino César (1978, p. 38): “O rodeio (reunião do gado em pleno campo, em lugares certos [os piquetes]), nas estâncias oitocentistas, era dado de seis em seis meses, via de regra. Nessa ocasião marcavam-se as reses mais novas e castravam-se os novilhos destinados ao engorde.” Os rebanhos variavam entre mil, cinco mil, dez mil, trinta mil cabeças de gado.

¹⁵ Em *Facundo*, publicado originalmente em 1845, Domingo Faustino Sarmiento (1996) opõe civilização e barbárie para se referir aos dois tipos de sensibilidades que atuavam na sociedade argentina na primeira metade do século XIX (lembrando a porosidade das fronteiras desse país com o estado do Rio Grande do Sul). Assim, Sarmiento vinculava a civilização às cidades e a barbárie ao contexto rural. Barbárie, conforme Barrán (1989, 1990), ao analisar a obra de Sarmiento, se refere ao tipo de sensibilidade que pratica a violência física como forma de dominação hierárquica (do Estado sobre os cidadãos, dos amos sobre os subordinados), que se relaciona com o sexo e o riso de forma permissiva, que exhibe a morte macabramente e até com festa, que não distingue trabalho de brincadeira.

para o bom desenvolvimento dos centros” (Vicente, 2010, p. 60). Nesse sentido, a instituição escolar acaba por responsabilizar-se pela socialização e reprodução de normas de caráter familiar como a imposição de limites, regras e horários daqueles que por questões jurídicas se encontram sob a sua guarda (Silva; Pereira; Vergara, 2011).

O processo domesticatório de que tratamos aqui tem impulso em uma preocupação das autoridades da região de fronteira Uruguai/Brasil, já no século XVII. Hernando Arias de Saavedra, primeiro governante uruguaio, em 1618, escreve ao rei Felipe III, queixando-se das ordens de Francisco de Alfaros, Oidor de la Real Audiencia de Lima, as quais autorizavam a todos dispoem como bem comum do gado abundante na região meridional pertencente à Espanha:

[...] dio por bienes comunes los ganados de que abia gran suma en esta provincia y con esta libertad no solo se aumento el número de los ociosos y bagamundos por tener en el campo la comida segura, empero quedo destruido e menoscabado el ganado bacuno por no matar sino bacas y terneras hembras. (Rela, 2001 apud Palermo, 2013, p. 29).

Ainda conforme Palermo, a mão de obra das estâncias de pecuária dessa “unidade político-geográfica” ou “sociedade territorial contínua”, que era (e é) a fronteira, configurou-se em escrava, semisservil e assalariada. Quanto aos homens negros, o estatuto de escravos, garantido pela cor da pele, se manteve nas estâncias uruguaias e brasileiras até a década de 1880 – o que não garante o fim de relações servis de trabalho após esse período.¹⁶ No que diz respeito aos não negros, a dominação ficava por conta do “disciplinamento forçado da mão de obra”. Foi instituído no Uruguai, durante a ditadura do Coronel Lorenzo Latorre (1876-1879), o Código Rural, cujo projeto data de 1874 e teve inspiração no Código Rural De La Provincia de Buenos Aires e em documentos semelhantes da Bélgica, França e Espanha. O Código Rural contém regras e punições para o uso dos recursos naturais e organização do espaço e

¹⁶ Interlocutor do INRC-Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS, um estancieiro de família pecuarista tradicional, criadora de gado desde primórdios do século XIX, na região de Arroio Grande, sudeste do Rio Grande do Sul, diz que desde as gerações mais antigas “sempre se preferiu o negro para a lida campeira, porque é um serviço muito bruto”. A fala do estancieiro relaciona “o negro” com sujeitos submetidos a trabalhos servis e de grande risco para a integridade física, o que fica dado pela sua original condição de mão de obra escravizada.

da produção rural, visando a garantia e desfrute racional do “direito mais sagrado do homem em sociedade – o direito à propriedade” (Proyecto..., 1874, p. 6, tradução nossa). Guilhermino César cita também *Administración de estancias y demás establecimientos pastoriles en la campaña de Buenos Aires*, escrita por Juan Manuel de Rosas em 1825, publicado em 1856, e *Instrucción del estanciero*, escrito por José Hernández e publicado em 1881. Além das obras em língua espanhola, em *O Conde de Piratini e a Estância da Música: administração de um latifúndio rio-grandense em 1832*, o próprio César compila as cartas do Conde de Piratini com instruções para o capataz de sua estância localizada na campanha gaúcha, e mais algumas cartas com conteúdo políticos e sociais. A correspondência reunida começa em 1804 e se aproxima de 1887, e segundo o autor tem importância justificada porque

nos seus diferentes artigos, compendia-se a vida obscura, afanosa e espartana do camponês oitocentista. As relações entre o senhor e o escravo, entre o capataz e os peões, entre os estancieiros e os vizinhos, acham-se ali registradas de forma lapidar. (César, 1978, p. 23).

A historiografia mostra os intentos do Estado e das oligarquias rurais em burocratizar a produção e as relações sociais do meio rural e o quanto tais medidas foram significativas para a formação do estado do Rio Grande do Sul e as regiões limítrofes de Uruguai e Argentina. No entanto, embora se reconheça a importância de conhecer a oficialidade dos fenômenos planejados pelo Estado e as elites nesse processo, imprescindível na bibliografia sobre o tema estão os trabalhos etnográficos de Ondina Fachel Leal sobre os homens que se formaram nesse universo da lida com os rebanhos no pampa.¹⁷ Na tese de doutorado *The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas* (Leal, 1989), a antropóloga faz uma profunda análise de como esses homens – que são reconhecidos como gaúchos por sua perspicácia e legitimidade quanto aos saberes e fazeres do manejo com o gado e demais animais envolvidos na pecuária – alocam na dominação da natureza por meio da força física seus valores identitários de masculinidade, honra e coragem.

A relevância dessa obra, principalmente por sua densidade etnográfica, permite que se visualize a “cultura gaúcha” como entrelaçada pelas visões de

¹⁷ Ver também Howes (2009), Lima (2013, 2015), Mattos (2003), Sordi (2013).

mundo negociadas por humanos na sua relação com os animais, que vivenciaram com eles o mesmo histórico de submissão e sujeição a regras impostas pelos ideais de progresso e civilização. Ancorada em uma perspectiva dualista das relações natureza e cultura, animalidade e humanidade, a autora descreve muito bem como eram definidos esses domínios e o quanto era importante para o *ethos* das sociedades pecuaristas¹⁸ que a cultura englobasse a natureza, com seus regramentos, disciplinas, obediências – mesmo que para isso a principal ferramenta utilizada fosse a força física e a imolação corporal por meio de violência, atributos reativos iminentes aos animais de grande porte, como cavalos e vacas, ou seja, alocados no âmbito da natureza. Não é de se estranhar que, numa sociedade militarista e belicosa, homens também sejam “domados para serem xucros”, e que todo o esforço em discipliná-los não elimine de seu comportamento (quicá reforce) a brutalidade e a audácia, necessárias àqueles que devem ser obedecidos no contexto hierárquico da cultura gaúcha.

Sendo assim, a máxima muitas vezes ouvida no campo de que “gente é gente e bicho é bicho”, torna-se menos essencialista ao passo que, no mesmo contexto, também se ouve que “a lida ensina a gente a ser gente”. Resta-nos ver como o cavalo, este “animal intermediário”,¹⁹ nos permite conhecer de que “gente” se está falando.

Entre o “tradicional” e o “racional”: o cavalo como mediador das transformações nas relações dos humanos com a natureza na lida campeira

Dona Percília, 82 anos, integra a quarta geração de uma família de pecuaristas da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Ela administra, junto com a filha Miriam, que reside no Rio de Janeiro, as propriedades

¹⁸ A respeito da relação entre pastores e ambiente corresponder ao âmbito do pensamento ocidental dominante, no que confere à prerrogativa de fazer com que as condições climáticas e ambientais correspondam os interesses humanos, ver Haudricourt (1962).

¹⁹ Digard (1999) afirma que entre americanos e europeus, o cavalo de montaria está numa condição intermediária entre os dois polos opostos de classificação dos animais nessas sociedades – animais de companhia e animais utilitários. Segundo o autor, nenhum animal utilitário está tão próximo dos de companhia do que o cavalo. Atendo-se à equitação como esporte, ou “mais que um esporte”, Digard entende que há entre cavalo e cavaleiro uma forte carga simbólica, dada pelo corpo a corpo de ambos; o uso correto do cavalo exige conhecimentos anteriores e posteriores à montaria; até por isso, o esporte é tido como “socialmente fechado”, pois prescinde que haja um aprendizado mútuo de longo tempo. Assim, montar um cavalo traduz-se em um modo de vida compartilhado entre animal e homem, onde este se ocupa daquele em diferentes aspectos.

rurais que herdou da parte de sua mãe, assim como os campos que vieram a formar o patrimônio familiar a partir do casamento com o agrônomo bageense Nilo Romero, de 90 anos de idade. As propriedades estão distribuídas pelos municípios gaúchos de Candiota, Bagé e Aceguá, bem como pelo Uruguai; nelas, além da criação de gado, pratica-se também a agricultura, tanto de grãos quanto de pastagens – o que é bastante comum nas propriedades de largas extensões de campo na região em questão.

Dentre as propriedades administradas por Dona Percília, há uma particularidade da qual a fazenda Conquista é a representante mais significativa. Nessa estância, que há 47 anos serve de laboratório para Nilo Romero, é implantado exclusivamente um tipo de pastoreio rotativo chamado Voisin.²⁰ Em síntese, no pastoreio Voisin o campo é dividido em módulos cercados por um único fio de arame eletrificado, para os quais os rebanhos são encaminhados rotativamente, quase que diariamente. Nesses módulos os animais se alimentam de pastagens e, ao defecarem, deixam o esterco como adubo para a próxima leva de pasto – não são utilizados insumos químicos e artificiais, portanto. Nas propriedades rurais em que é implantado o Voisin, cavalo, laço e cachorro são deixados de lado, pois o gado é criado de forma mansa, com manobras lentas e com métodos que excluem a presença de qualquer elemento de agressividade, já que o peão utiliza apenas um alicate isolante e um cajado para suspender a cerca. Segundo Nilo Romero, devido às características acima elencadas, o pastoreio Voisin é também chamado de “racional”, por priorizar uma exploração controlada dos recursos naturais, sem que haja a imposição da adequação das pastagens e dos animais às necessidades do agronegócio – ou seja, seria criado, técnica e planejadamente, um sistema de pastoreio em que a produtividade se dá “naturalmente”, sem que o solo precise responder a insumos artificiais e sem que o gado precise ser dominado pelo peão.²¹

²⁰ Nome alusivo ao francês André Voisin, bioquímico que publicou, em 1957, o livro *Produtividade do pasto*, possivelmente a primeira obra de relevância sobre manejo ecológico de pasto. A partir de então, Voisin tornou-se referência mundial no que diz respeito à implantação de formas sustentáveis de aumento da produtividade na pecuária.

²¹ Para um produtor contrário à instalação do pastoreio Voisin, há uma justificativa que explica sua preferência pelo pastoreio extensivo: teria o gado um senso de territorialidade, que é deturpado quando os rebanhos são movimentados periodicamente, conforme a intenção do criador. Esse “confinamento” do gado seria responsável pela má qualidade de vida dos rebanhos e da produção, já que altera seus ciclos de alimentação e reprodução, diretamente relacionados com o reconhecimento de determinados territórios pelos animais. Sobre a aproximação entre as noções de caça e criação na lida campeira, ver Kosby (2014).

Geralmente, no Voisin se lida apenas com gado de engorde, comprando-se animais magros, ainda não “terminados”, ou seja, ainda sem a cobertura de gordura necessária para que sejam abatidos. Ao contrário, no pastoreio tradicional, é feito o ciclo completo, de cria, recria e engorda (ou terminação). A cria envolve desde o manejo reprodutivo, em que as fêmeas passam pelo acasalamento e pelo controle da prenhez, até o parto e amamentação dos terneiros. A recria abrange desde a desmama dos filhotes até a fase de acasalamento das fêmeas e a engorda dos machos que não serão utilizados como reprodutores. A engorda é a fase posterior, em que se faz a terminação dos animais para o abate.

A grande dificuldade, que praticamente inviabiliza a implantação do pastoreio Voisin, diz respeito à escassez de mão de obra para a lida racional. Segundo Dona Percília, “o gaúcho sente falta do cavalo”, os peões não querem manejar o gado a pé – por mais manso que este seja. As experiências com peões na Conquista mostram que eles preferem a aventura de lidar com gado bravo, e não se adaptam ao pastoreio racional. Nas palavras de Dona Percília:

Eu tenho 1 hectare, tem 200 bichos, e do lado tem outro hectare que tá à disposição... Então, o animal come aqui, eu vou ali, abro a porteira e vou-me embora. Claro! O animal sai de onde ele comeu e vai pro outro, ele vai sozinho, ele sabe que vai mudar! Quer dizer que, o gado é manso, não, não, nada, tudo é fácil... Mas o gaúcho não gosta. Ele gosta de judiar do gado... o relho, o cachorro... Eles gostam é do cavalo, é de laçar... é, eles não gostam, eles gostam é da vida de gaúcho, mesmo. E o gaúcho é... Isso tem dificuldade, o Voisin é difícil de funcionar. Porque eles não querem.

A ausência do cavalo denuncia a extinção da figura do caçador; vaca e peão ao rés do chão são pastor e rebanho, numa aparente simbiose – a criação, porém, segue sendo predatória para fins de mercado. Onde fica o gaúcho sem o cavalo, sem a fuga da vaca?

No mesmo sentido, a maioria dos campeiros não abre mão de domar os cavalos com técnicas tidas como tradicionais, o “jeito gaúcho de domar”²² –

²² Jacques (2008, p. 41) entende que se desenvolveu no pampa uma “escola de equitação gaúcha”, sendo a integração da escola de equitação ibérica, voltada para a guerra, e a escola índia, que entendia o cavalo como “continuação de seu ambiente”. De acordo com o autor a sociedade que se formou no pampa desenvolveu o que chama de cultura do cavalo, que se reflete nos diversos tipos de provas e eventos onde o cavalo é o elemento central.

nas quais o uso da força física é fundamental. A *doma tradicional* ou “antiga”,²³ criticada pelos adeptos da *doma racional*, deixa o cavalo “mais sujeito” (sensível da boca), obedecendo mais rápido aos comandos dados a partir das rédeas. Domadores, como Seu Nelson, interlocutor do INRC-Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS, questionam as domas racionais, pois consideram que o animal não fica preparado para o trabalho nas atividades pastoris. Seu Nelson, que atualmente vive num bairro periférico de Bagé (RS), domou por muitos anos cavalos para a lida campeira; segundo ele, um cavalo para ficar bom para o serviço do campo demora cerca de um ano para ser domado.²⁴ Ele também chama sua doma de “antiga”, pois, embora adote técnicas das domas ditas racionais, a principal técnica que utiliza é a de *puxar o queixo*.²⁵ “Tem gente que não puxa, por isso que ficam ‘cru’, rapaz!”

Um dos aspectos relevantes para conceber a relação entre os campeiros e os cavalos é a importância dada pelos interlocutores à personalidade do cavalo (um animal “igual ao homem”, individualizado) como agente preponderante na escolha do tipo de técnica de doma a ser utilizada.²⁶ Cabe lembrar que no universo abordado pela pesquisa, há o reconhecimento das chamadas domas “racionais”, nas quais o emprego de reforços e castigos não privilegia a coerção via violência física. O domador aciona as diferentes domas conforme a interação estabelecida com o cavalo. Por outro lado, a criação da diferença: para

²³ Para a descrição dessa técnica, ver Lima (2013, 2015).

²⁴ Joanna Latimer e Lynda Birke (2009), no artigo “Natural relations: horses, knowledge, technology”, abordando os cavalos como poderosos agentes de identidade, focam na relação dos humanos com os equinos a análise de como o pensamento euro-americano manipula a separação das categorias natureza e cultura, humano e não humano, agenciando para isso diferentes combinações ontológicas, epistemológicas e idiossincráticas. A feitura de tipos diversos de cavalos (de trabalho, de passeio, de esporte) carrega de atributos significantes a constituição de diferentes estilos de vida (de elite, pastoris, bucólicos), reproduzindo também a estratificação social, as elites e comunidades rurais. Segundo as autoras, um dos fatores que impulsionaram sua pesquisa foi o aumento crescente de interesse por cavalos no Reino Unido, nos últimos anos.

²⁵ A etapa denominada “puxar o queixo” ocorre da seguinte maneira: o cavalo é derrubado e depois maneaado, ou seja, é preso nas patas dianteiras e traseiras por uma corda de couro ou náilon, a chamada *maneia*, para não se debater, ou seja, se agitar com violência visando resistir à ação numa tentativa de se desprender. Feito isso, amarra-se e aperta o *bocal* (tira de couro) no queixo do cavalo. No bocal estão anexadas as rédeas, pelas quais os agentes colocados atrás do cavalo irão puxar o queixo na direção do peito dando alguns tirões, até o animal *patear*, o que significa dizer que está demonstrando resistência. Puxa-se três vezes para cada lado. O objetivo é deixá-lo “sensível de boca” e assim, na próxima etapa que é o ato de montar, ele já possa atender aos comandos do domador.

²⁶ Em comparação, o gado bovino é visto como uma espécie grupal, coletiva.

os entrevistados, a doma racional não deixa o cavalo “sujeito”. Para Demétrio Xavier,²⁷ que é pesquisador das culturas pampianas e já fez alguns cursos de doma, a doma racional também é violenta, quando o uso de esporas sem pontas não evita que se machuque os cavalos, apenas mantém os ferimentos sob a pele, como hematomas.

A chamada “doma racional” ou “doma gentil”, muito citada entre os domadores gaúchos como oposta à doma tradicional, segue os princípios da *natural horsemanship*, cujo criador e principal difusor é o domador estadunidense Monty Roberts, autor do afamado *O homem que ouve cavalos* (Roberts, 2001). A doma propagada por Roberts, que se inspirou nas técnicas de doma dos cherokees, indígenas norte-americanos, é ensinada em universidades e *workshops*.²⁸ Em “‘Learning to speak horse’: the culture of ‘natural horsemanship’”, Lynda Birke (2007) explora um conjunto de práticas, comportamentos e saberes que visam o controle dos cavalos pelo homem a partir do conhecimento mútuo entre eles, sem a necessidade do uso da força física. Os defensores do uso de tais técnicas argumentam que a cooperação por parte dos cavalos aos anseios dos humanos é obtida com menos exposição de ambos à violência se forem usados comandos gentis. A autora expõe algumas transformações ocorridas no mundo da equitação como responsáveis pela expansão e disseminação de formas de interações entre humanos e cavalos que rejeitam as duras e cruéis práticas de criação e domas tradicionais – ou seja, anteriores ao estabelecimento de um sistema de relações políticas mais amplas que o mundo dos cavalos e suas pessoas, sistema este balizado por lutas pelos direitos dos animais e políticas ambientais.

Mas há ainda outro tipo de doma referido pelos interlocutores, a chamada “doma índia”, conjunto de saberes, técnicas e formas de se relacionar com

²⁷ Demétrio de Freitas Xavier é músico, radialista e pesquisador, e apresenta e produz o programa de rádio Cantos do Sul da Terra. Demétrio é interlocutor do INRC-Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS e compõe, junto com campeiros, pesquisadores e artistas, a rede de pessoas indicadas como conhecedoras de diferentes aspectos da constituição das lidas campeiras como referências culturais da região pampiana.

²⁸ Segundo Roberts (2001, p. 57) a filosofia do domador deve ser não a imposição/violência (“você deve fazer”) e sim a confiança, trabalhando numa espécie de convite (“você vai gostar de fazer isso”). De acordo com o autor, o cavalo é um animal “voador”, enquanto o homem é um animal “lutador”. O cavalo só quer “reproduzir e sobreviver”, e a qualquer sinal de perigo sua tendência é fugir, voar. O homem preocupa-se, segundo o autor, com a caça e o domínio dos outros animais “para comê-los e utilizá-los para seus fins”. Por isso é responsabilidade do homem conquistar o encontro e transpor a barreira, ou seja, cabe ao domador mostrar ao cavalo que não é predador.

o equino fundamentadas na cultura dos índios ranqueles,²⁹ da província argentina de La Pampa (Reyna Martínez, 2007). Em *La doma india de la pampa argentina, aplicada al caballo criollo casanareño*,³⁰ do zootecnista Luis Miguel Reyna Martínez, o autor afirma que a doma de origem ranquel:

[...] no enseña como corregir vicios de comportamiento, que se presentan en los caballos que pueden ser de dos clases, generados por la doma o por las condiciones de cría y mantenimiento, no enseña como corregir los distintos vicios que presentan, sencillamente por que no es una doma correctiva, sino una doma preventiva, una doma que nos pone en el lugar del caballo, nos muestra su naturaleza, su comportamiento y de acuerdo a estas como tratarlo. Esta en contra de antropomorfizar la relación con el caballo, no esta de acuerdo con la cría de caballos estabulados, por consiguiente nunca tendrá los vicios de estabulación. Pone límites claros en la relación, por consiguiente nunca tendríamos los vicios provenientes de la doma como moverse al montar, acelerarse, un caballo asustadizo que huya al jinete, que nos rape el cabestro, que tire para atrás y corte las sogas, que no se deje tocar alguna parte de su cuerpo, que no se deje agarrar, que camine al ensillarse, que no se deje montar, que no camine. De esta manera contaríamos con la obediencia necesaria de un animal, que nos haría disfrutar la monta a caballo y el cual disfrutaría también de nuestra compañía. (Reyna Martínez, 2007, p. 41).

A doma índia, portanto, é baseada na observação do comportamento do cavalo em manada e prioriza a socialização deste com vistas a que ele se acostume e tenha gosto pela interação com os humanos. As técnicas de aproximação com o cavalo seguem recursos de mimese do comportamento deste – pensando comparativamente aos outros tipos de doma, é como se a doma

²⁹ O argentino Oscar Scarpati Schmid, fundador da escola de doma índia argentina, conheceu as técnicas de doma e aspectos da filosofia ranquel com o índio Don Cristobal Luna. A etnia ranquel é originária de territórios pertencentes hoje à República Argentina. Os ranqueles fazem parte da chamada Nação Mapuche, mas sua matriz são os povos het e tehuelche. Embora tenha tido sua cultura “araucanizada” pela chegada dos mapuche ao seu território, os ranqueles, durante quase todo o século XIX, mantiveram alianças com os tehuelches – excursionando com eles pelo oeste da Província de Buenos Aires, ao sul da Província de Córdoba, por Mendoza, San Luis e Santa Fe.

³⁰ Segundo o autor, no Departamento de Casanare (Colômbia) há uma relação tradicional na doma de cavalos, que implica a fortaleza masculina se expressar na possibilidade e coragem de se manter montado sobre um cavalo que corcoveia – o que é muito próximo da relação que o gaúcho tem com a doma. Isso implicaria uma grande dificuldade, por impedimentos culturais, de implantação da doma índia no cavalo casanarenho.

índia não implicasse uma intervenção da cultura na natureza. Assim, parece haver um intuito de diluir a própria dualidade natureza/cultura, ao invés de “incluir” o cavalo na cultura dos homens, estes buscam se mesclar ao ambiente do qual as “naturezas” do cavalo e do homem são continuidade – em alguns momentos, o homem buscando se comportar como se ele fosse outro cavalo. Segundo Reyna Martínez (2007, p. 55, tradução nossa), “domar sem violência não é domar a beijos”, ou seja, é necessário demonstrar que o homem é hierarquicamente superior, requerendo obediência:

Según la experiencia práctica y las charlas con Scarpati, al caballo es indispensable mostrarse jerárquicamente superior y esto no significa ser violentos, podemos reprender al caballo de muchas maneras, sin partírles un palo en la cabeza, sin rebentarles la boca, sin darles patada. Esto no significa que alguna vez no se tenga que dar una palmada, una sacudida o utilizar un tono de voz fuerte, para dejar claro quién es superior, pero son formas totalmente distintas de mostrar jerarquía. (Reyna Martínez, 2007, p. 55).

E, embora os campeiros e demais interlocutores deste estudo construam as descrições de suas práticas tradicionais de domas de equinos, há muito tempo os índios ranqueles também faziam comparações no mesmo sentido. Em *Una excursión a los indios ranqueles* (Mansilla, 1966) – publicado originalmente no ano de 1870, em um periódico – o militar argentino Lucio V. Mansilla descreve o ponto de vista dos indígenas a respeito de suas formas de domar, em contraposição às práticas dos não indígenas:

En seguida marché, me acompañaban Ramón y cincuenta de los suyos al son de cornetas. Ramón montaba un caballo bayo domado por él. Parecía un animal vigoroso. –Yo no soy haragán, amigo –me dijo–. Yo mismo domo mis caballos; me gusta más el modo de los indios que el de los cristianos. –¿Y qué, doman de otro modo ustedes? –le pregunté. –Sí –me contestó. –¿Cómo hacen? –Nosotros no maltratamos el animal: lo atamos a un palo; tratamos de que pierda el miedo: no le damos de comer si no deja que se le acerquen; lo palmeamos de a pie; lo ensillamos y no lo montamos, hasta que se acostumbra al recado, hasta que no sienta ya cosquillas; después lo enfrenamos, por eso nuestros caballos son tan briosos y tan mansos. Los cristianos les enseñan más cosas, a trotar más lindo, nosotros los amansamos mejor. Hasta en esto, dije para mis adentros, los bárbaros pueden darles lecciones de humanidad a los que les desprecian. (Mansilla, 1966, p. 290).

Mansilla era comandante do setor da fronteira *contra* os indígenas, mas expressou sua observação sobre a humanidade dos “bárbaros” na descrição que faz da relação de docilidade destes para com os cavalos. Do outro lado, os indígenas elencam, entre as “coisas boas” que a sua maneira de domar tem, o amansamento – todas as etapas da doma índia têm por finalidade tirar o medo do cavalo, amansá-lo.³¹ Enquanto na doma gaúcha o comportamento bravo do homem é exacerbado e procura a submissão do cavalo à força física, na doma índia, é a docilidade do homem que permitirá ter-se um cavalo dócil para a montaria.³² Como bem percebeu Lima (2013, 2015), são as categorias de “violência” e “não violência” os principais parâmetros de classificação e diferenciação entre os tipos de domas apresentados pelos interlocutores, assim como, na doma gaúcha, é a “preparação para o trabalho” que estabelece a continuidade entre animal e homem e nos permite enxergar como a socialização dos mesmos para a “lida brabíssima” é um processo contínuo (cotidiana e historicamente), que exige sujeição e coerção.

Considerações finais

François Sigaut (1988), baseado em uma conferência proferida por Digard,³³ critica o uso do conceito de *domesticação*, chegando a sugerir sua extinção, por considerar inevitável o reconhecimento de que sua utilização não cabe mais no desenvolvimento que os estudos sobre as relações entre humano e animais tiveram nas últimas décadas. Para Sigaut, o termo “domesticação” não deve ser tomado como uma essência – pois ele é empírico, descreve uma realidade aparente – nem como o fim óbvio da proximidade entre humanos e animais. Para isso, dá exemplos de animais que são trazidos para o ambiente de convívio com os humanos, com a condição de que sejam

³¹ Para a descrição das etapas da doma índia, ver Reyna Martínez (2007).

³² Demétrio Xavier, que conviveu por um período com Oscar Scarpati e alguns de seus cavalos de demonstração, diz que a relação de docilidade e obediência do cavalo índio é para com seu cavaleiro, já que a doma índia prevê a preparação dos equinos para a guerra. Segundo o interlocutor, o cavalo ranquel aprende comportamentos de “predador”, atacando com patas dianteiras e dentes quando ordenados a isso. Dessa forma, a cavalaria mapuche teria sido responsável pelos 300 anos de tentativas frustradas dos espanhóis em dominar esses povos indígenas – só acontecendo o sucesso espanhol quando da invenção do tiro em sequência.

³³ Seminário “Zootechnie comparée”, apresentado por Jean-Pierre Digard, em 1985-1986 na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

mantidas suas características selvagens – como é o caso de gatos utilizados para caçar camundongos em celeiros; dá-se comida a eles, mas evita-se que se tornem amigos da família, sob o risco de perderem as propriedades de caçadores.³⁴ Ao mesmo tempo em que tais animais devem não temer ao homem, deixando de fugir deste, precisam manter seus atributos “naturais”³⁵ bravios. Acontece que, para isso, há todo um investimento lógico humano, que acarreta negociar com os animais as graduações daquilo que se tem por mais ou menos “doméstico” (que não quer dizer menos familiarizado) ou mais ou menos “selvagem”. A própria “selvageria” de machos bovinos reprodutores pode ser vista como algo construído, já que sua familiarização é muito custosa e seu afastamento dos humanos torna-os menos perigosos do que medrosos. Assim, os requisitos até então elencados como condições para se descrever um animal domesticado – a posse do animal, sua familiarização e o uso econômico – se tornam independentes e não imprescindíveis em conjunto.

Sigaut dá vários exemplos de como é difícil nas sociedades modernas conceber que é possível e necessário que se compatibilize a exploração de determinadas espécies com a manutenção de seu estado “selvagem”. E isso não diz respeito apenas à salvaguarda da vida dos animais em questão, mas a manutenção e perpetuação de modos de vida e princípios epistemológicos e humanos tradicionais, tão sofisticados quanto as filosofias e tecnologias modernas/ocidentais.

E já que se está problematizando o conceito de domesticação, façamo-lo ao extremo, estendendo sua realidade empírica à relação das gentes com

³⁴ Algumas negociações semelhantes são feitas também quando animais de consumo são dados de presente a crianças, ou quando animais de trabalho são criados tão próximos de humanos que chegam a ter medo dos seus coespecíficos.

³⁵ Descola (2005) afirma que o progresso tecnológico da genética põe em xeque a ideia de que o substrato natural da humanidade é alheio ao controle domesticador da educação e do costume. Formula, assim – por já em estudos anteriores mostrar que nem todas as sociedades humanas fazem a divisão cosmológica entre natureza e cultura –, pressupostos para que também não se substancializem as categorias de humanidade e animalidade. Para Descola (1996, 2005), a consolidação do paradigma cosmológico naturalista ocidental se dá no período entre 1500 e 1800, pautado pelas “revoluções” cosmológicas promovidas pelas ciências naturais. No que diz respeito às relações entre humanos e seres da natureza, esse paradigma oscila entre uma matriz focada no “predatismo” predominante (expressa na exploração crescente dos recursos naturais) e algumas variações de “reciprocidade” e “protecionismo” (presentes nos movimentos conservacionistas e de defesa animal). De qualquer forma, as separações ontológicas natureza/cultura, humano/não humano, humanidade/animalidade, são reforçadas e reproduzidas pelo naturalismo em todas as suas versões.

aqueles que são passíveis de ser, autoritariamente, considerados em processo de “ser gente” – ainda mais quando é possível que dentre estes últimos se encontre quem construa sua existência atrelada à relação com os cavalos mais do que com os humanos.³⁶ O cavalo, tal como se relaciona com os campeiros, é testemunha do quão ambígua pode ser a busca (histórica, por que não?) por sujeitar outrem: as técnicas de doma tidas como violentas, as “tradicionais”, exacerbam reações “selvagens” no cavalo para imediatamente suprimi-las; as características “gentis” apontadas nas outras domas não são capazes de preparar um cavalo para a lida campeira, mas podem transformar presas pacíficas em feras guerreiras, predadoras; a racionalização do pastoreio bovino desce o peão do cavalo, suprime a violência e a postura de caçador, mas à tamanha “domesticação” é impossível ao gaúcho sujeitar-se sem se extinguir.

Referências

BARRÁN, J. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*: tomo 1: la cultura bárbara: 1800-1860. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental: Facultad de Humanidades y Ciencias, 1989.

BARRÁN, J. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*: tomo 2: el disciplinamiento: 1860-1920. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental: Facultad de Humanidades y Ciencias, 1990.

BIRKE, L. “Learning to speak horse”: the culture of “natural horsemanship”. *Society & Animals*, Leiden, v. 15, n. 3, p. 217-239, 2007.

CÉSAR, G. *O Conde de Piratini e a Estância da Música*: administração de um latifúndio rio-grandense em 1832. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Instituto Estadual do Livro: Universidade de Caxias do Sul, 1978.

³⁶ Muitos ex-peões ou trabalhadores campeiros aposentados, quando dada a impossibilidade de ficarem morando no campo, mudam-se para bairros periféricos das cidades do sul do Rio Grande do Sul, instalando em tais territórios ambientes em que se faz o convívio diário com cavalos. São estes locais hospedarias, centros de doma, cocheiras, pistas de rodeio e gineteadas. Além do mais, há o crescente desemprego nas estâncias e a mecanização das mesmas, que envolve, em alguns casos, o deslocamento motorizado diário do campo para a cidade.

CHASTEEN, J. *Fronteira rebelde*. Porto Alegre: Movimento, 2003.

DE NIGRIS, P. El Uruguay del 900. *Literatura para secundaria*, 2011. Disponível em: <<http://paola-literatura.blogspot.com.br/2011/02/el-uruguay-de-1900.html>>. Acesso em: 30 maio 2016.

DESCOLA, P. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. (Ed.). *Nature and society: anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996. p. 82-102.

DESCOLA, P. *Par de-là nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

DIGARD, J.-P. *Les français et leurs animaux: ethnologie d'un phénomène de société*. Paris: Fayard, 1999.

DIGARD, J.-P. *Une histoire du cheval: art, techniques, société*. Paris: Actes Sud, 2004.

GARCIA, G. B. *Terra, trabalho e propriedade: a estrutura agrária da Campanha rio-grandense nas décadas finais do período imperial (1870-1890)*. Niterói: UFF, 2010.

HAUDRICOURT, A.-G. Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d'autrui. *L'Homme*, Paris, v. 2, n. 1, p. 40-50, 1962.

HOWES, G. *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

INGOLD, T. *Hunters, pastoralists and ranchers: reindeer economies and their transformations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

INGOLD, T. *The perceptions of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

JACQUES, B. B. *Registros da eficiência da equitação gaúcha: primeiros escritos*. Jaguarão, 2008.

KOSBY, M. F. *Lidas bravíssimas na pecuária do pampa sul-rio-grandense: entre caça e criação*. 2014. Artigo apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Territorialidades, Cosmologias e Ontologias Ameríndias, ministrada pelo professor Sérgio Baptista da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFRGS, no primeiro semestre do ano letivo de 2014.

KOSBY, M. F.; LESTON Jr., O.; RIETH, F. Inventário Nacional de Referências Culturais – Bagé (1ª fase). In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 19., 2010, Pelotas. *Anais...*, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CH/CH_00540.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

LATIMER, J.; BIRKE, L. Natural relations: horses, knowledge, technology. *The Sociological Review*, Keele, v. 57, n. 1, p. 1-27, 2009.

LATOUR, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc, 2002.

LATOUR, B. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: Edusc, 2004.

LEAL, O. F. *The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas*. 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)–University of California, Berkeley, 1989.

LEAL, O. F. O mito da Salamandra do Jarau: a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 14, n. 1, p. 8-11, jan./abr. 1992a.

LEAL, O. F. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, n. 6, p. 7-21, 1992b.

LEAL, O. F. Do etnografado ao etnografável: “o Sul” como área cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. 201-214, nov. 1997.

LEWGOY, B. et al. *Espelho animal: antropologia das relações entre humanos e animais*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [s.d.]. Projeto de pesquisa. Mimeografado.

LIMA, D. V. *O campeiro e o cavalo na doma: um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa Sul-Rio-Grandense*. 2013. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)–Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

LIMA, D. V. “*Cada doma é um livro*”: a relação entre humanos e cavalos no pampa-sul-rio-grandense. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MANSILLA, L. V. *Una excursión a los indios ranqueles*. Buenos Aires: Kapelusz, 1966.

MATTOS, E. V. *Aqui: memorial em olhos d’água – ensaio etnográfico*. [S.l.], 2003.

MOREIRA, I. *O espaço rio-grandense*. São Paulo: João Guizzo, 1999.

NAHUM, B. *La estancia alambrada*. Montevideo: Editores Reunidos: Arca, 1968. (Enciclopedia Uruguaya, v. 24).

PALERMO, E. *Tierra esclavizada: el norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19*. Montevideo: TierraAdentro, 2013.

PALMISANO, T. *El campo de la modernización*. Buenos Aires, [s.d.].

PESAVENTO, S. *República Velha Gaúcha: frigoríficos, charqueadas, criadores*. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1980.

PESAVENTO, S. *Pecuária e indústria: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX*. Porto Alegre: Movimento, 1986.

PESAVENTO, S. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho: RS 1889-1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, S. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PROYECTO de Código Rural de la República Oriental del Uruguay. Montevideo: Asociación Rural del Uruguay, 1874. Disponível em: <<https://archive.org/details/proyectodecdigo00uruggoog>>. Acesso em: 30 maio 2016.

REYNA MARTÍNEZ, L. M. *La doma india de la pampa argentina, aplicada al caballo criollo casanareño*. Trabajo de Grado de la Facultad de Zootecnia. Bogotá: Universidad de La Salle, 2007.

RIETH, F. et al. *Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas campeiras na região de Bagé/RS (relatório final)*. Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. 3 v.

ROBERTS, M. *O homem que ouve cavalos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SALVATORE, R. Reclutamiento militar, disciplinamiento y proletarización en la era de Rosas. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. E. Ravignani”*: Tercera Serie, n. 5, p. 25-47, 1992.

SARMIENTO, D. *Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino*. Porto Alegre: UFRGS: EdPucrs, 1996.

SAUTCHUK, C. E.; STOECKLI, P. O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 2011/2, p. 227-246, 2012.

SIGAUT, F. Critique de la notion de domestication. *L’Homme*, Paris, v. 28, n. 108, p. 59-71, 1988.

SILVA, C. L.; PEREIRA, F. M.; VERGARA, C. Signos, práticas e representações: um estudo antropológico sobre a reprodução da cultura gaúcha em uma escola agrícola de Pelotas/RS. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 20., 2011, Pelotas. *Anais...*, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CH/CH_01413.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

SORDI, C. *De carcaças e máquinas de quatro estômagos: estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VICENTE, M. A. *O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 01/03/2017